

RASTRO DE MORTE E CONTAMINAÇÃO POR AGROTÓXICO

Em dez anos, 6 mil capixabas foram envenenados por conta do uso inadequado de insumos agrícolas

REPORTAGEM: PATRIK CAMPOREZ

FOTOS: MARCELO PREST

EDIÇÃO: ELAINE SILVA

DIAGRAMAÇÃO: EDSON DE MELO

▸ Nova Venécia, Norte do Estado, 2013. O estudante Carlos Pinho, de 15 anos, levanta da cama às 4 horas, coloca a bomba de veneno nas costas e caminha até a propriedade de um vizinho para pulverizar lavouras de café. Depois de um dia intenso de trabalho, sem usar luvas e máscaras de proteção, o rapaz tem convulsões, desmaia, e não volta para a casa da sua mãe. Carlos morreu 10 dias depois.

Interior de Vila Valério, ainda no Norte. Vagner Capaz tinha acabado de completar 17 anos quando comeu um pedaço de melancia contaminada com agrotóxico. Duas semanas depois, faleceu no hospital. Seu pai entrou em depressão nos meses seguintes, e a mãe, Dona Maria Idefonso, ainda lembra todas as noites achando que o filho está batendo na porta de casa.

Também vítima do veneno, Maria Geralda do Carmo (foto ao lado) seguia pela BR 101 quando, na altura de Conceição da Barra, um avião que pulverizava uma plantação de feijão despejou várias rajadas de veneno em cima do carro onde ela estava com outras duas pessoas. Ela sofreu queimaduras, o rosto ficou desfigurado e o veneno no corpo a deixou em coma por dois dias. Maria, que por ironia do destino é conselheira estadual de Alimentação e Nutrição, até hoje carrega sequelas no corpo.

Aparentemente casos isolados, os relatos acima são de apenas uma parte dos mais de 6 mil capixabas que sofreram intoxicações por uso indiscriminado de agrotóxicos agrícolas na última década.

Nas últimas semanas, A GAZETA aprofundou-se numa investigação que percorreu 1,5 mil quilômetros pelo interior do Estado e ouviu histórias de homens e mulheres que sofreram contaminação, chegando a desenvolver doenças como câncer, infertilidade, impotência e depressão.

Os últimos números da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e do Centro Estadual de Atendimento

Toxicológico (Toxcen) elevam o Espírito Santo ao triste primeiro lugar no ranking nacional das contaminações e mortes por uso desses venenos (conta feita por 100 mil habitantes). Só para se ter uma ideia, a quantidade de vítimas em solo capixaba é seis vezes maior do que no Estado vizinho, Rio de Janeiro. Foram 961 casos em 2013 em solo capixaba. Nos últimos cinco anos, são em média

800 casos por ano no Estado.

A situação é tão séria que a própria Secretaria Estadual de Saúde (Sesa) admite, em seu plano de saúde 2012/2015, que “é preocupante no Estado o consumo de agrotóxico”. Em 2009, o uso ultrapassou 5 mil toneladas de princípios ativos (59% herbicidas) em 726.017 hectares de área plantada.

Entre os agravantes que colo-

“

É MUITO DIFÍCIL, PARA NÓS, PERDER UM FILHO TÃO NOVO ASSIM. COMEÇOU A PASSAR MAL DE REPENTE. NO POSTO DE SAÚDE, PASSARAM UMA INJEÇÃO E MANDARAM ELE VOLTAR PARA CASA. MAS O MENINO ESTAVA DURO, NÃO MEXIA NEM O PESCOÇO. QUANDO O LEVAMOS PELA TERCEIRA VEZ PARA O HOSPITAL, NÃO DUROU TRÊS DIAS. NA MADRUGADA, A NOTÍCIA CHEGOU. PARECE QUE ATÉ HOJE ELE ESTÁ COMIGO. DE NOITE EU LEVANTO E ABRO A PORTA PARA VER SE ELE ESTÁ ALI”

—
Maria Idefonso Capaz,
49 anos

“

QUANDO OLHEI NO ESPELHO NÃO ME RECONHECIA. ESTAVA TOTALMENTE DESFIGURADA. NO HOSPITAL, FIQUEI APAGADA E OS MÉDICOS TENTANDO ME REANIMAR. ESCUTAVA MINHA MÃE ME CHAMANDO, MAS NÃO CONSEGUIA ABRIR OS OLHOS NEM REAGIR. AOS POUCOS, FUI ME RECUPERANDO, MAS ATÉ HOJE VIVO À BASE DE REMÉDIOS”

—
Maria Geralda do Carmo, conselheira de alimentação





DOR

Maria e Altair viram o filho, Vagner Capaz, de 17 anos, ficar doente e falecer por conta da contaminação por veneno

6 MIL
CAPIXABAS

SOFRERAM ALGUM TIPO DE CONTAMINAÇÃO PELO MAU USO DE AGROTÓXICOS AGRÍCOLAS. OUTRAS CENTENAS DE PESSOAS SOFRERAM SEQUELAS, FICARAM INVÁLIDAS PARA O TRABALHO OU MORRERAM POR CAUSA DOS VENENOS.

cam o Estado nesta incômoda posição, estão a falta do uso de equipamentos de proteção, aplicação de doses de agrotóxico acima da quantidade indicada e a venda de produtos sem receita. No campo, faltam informações sobre o perigo dos venenos e também atendimento adequado às vítimas.

TRABALHADORES

A maior parte das vítimas é de trabalhadores analfabetos ou quase. Pessoas que muitas vezes sequer conseguem ler a bula dos produtos. São homens na faixa de 18 a 45 anos acostumados a aplicar o veneno sem qualquer proteção. A intoxicação, no entanto, não atinge apenas quem entra em contato direto com o veneno, como aplicadores e os responsáveis pelo transporte e armazenamento. Faz vítimas que não têm nada a ver com a produção agrícola, como a conselheira Maria Geralda, que saiu de Vitória a caminho de dois eventos no Norte e nem imaginava o que estava por vir. Ela estava no banco de trás do

961
CASOS

DE INTOXICAÇÃO FORAM REGISTRADOS SOMENTE EM 2013. NESSE MESMO ANO, 19 PESSOAS MORRERAM NO ESTADO VÍTIMAS DO CONTATO INDEVIDO COM OS PRODUTOS UTILIZADOS NAS PLANTACIONES, SEGUNDO O TOXCEN.

carro e foi a mais atingida pelo veneno despejado pelo avião agrícola. Passados alguns dias, a conselheira não conseguia andar. “Acordei, olhei no espelho e não me reconheci. Estava totalmente desfigurada. Fiquei apagada, com os médicos tentando me reanimar. Escutava minha mãe me chamando, mas não conseguia abrir os olhos nem reagir”, conta Maria, que, na época, também perdeu todo o cabelo e até hoje vive à base de remédios.

Em muitos casos, a pessoa contaminada demora a associar os sintomas à exposição ao veneno, e chega ao hospital já em estado crítico. No caso de Vagner Capaz, a família precisou levar o estudante três vezes ao médico. O rapaz só recebeu mais atenção do serviço de saúde quando já não conseguia mais comer. A mãe, dona Maria Idefonso Capaz conta que a morte chegou três dias após a última ida ao hospital. “Meu filho já estava duro, não mexia nem o pescoço. Intoxicou todo o rim. Quando foi de madrugada, a notícia chegou,

mas parece que até hoje ele está aqui comigo”, diz a mãe, com uma voz arrastada de choro.

TRISTE AVANÇO

Os números traduzem a triste realidade vivida no Estado e mostram um avanço assustador da grande utilização do veneno. Em 1999, 228 capixabas sofreram contaminação e sete morreram. Em 2013, foram registrados 961 casos de exposição ao veneno e 20 mortes. Um salto de mais de 300% nas intoxicações. Mas os dados podem ser ainda mais alarmantes. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, para cada registro de intoxicação por agrotóxico, outros 50 casos deixam de ser notificados.

Depois de viajar de Norte a Sul do Estado e passar por oito municípios que registram alto consumo de veneno, esta série de reportagens vai mostrar como o uso indevido desses produtos envenena pessoas, rios, animais, o solo e os alimentos que chegam à mesa do consumidor.

NA VILA DOS CONTAMINADOS, UMA VÍTIMA EM CADA ESQUINA

No pequeno vilarejo de Pedro Canário, muitos relatos de intoxicação

Quando algum trabalhador chega no postinho de saúde tendo convulsões, soltando água pelo corpo ou com manchas vermelhas na pele, a técnica de enfermagem Maria Ivone de Jesus, que trabalha em Taquara, Pedro Canário, já sabe: “É veneno!”. Localizada na divisa do Espírito Santo com a Bahia, a Vila dos Contaminados exemplifica a realidade dos diversos focos de intoxicação visitados pela reportagem de A GAZETA no Estado.

“Aqui é terra de ninguém. Não tem uma pessoa que recebe a roupa de proteção para bater veneno”, vai avisando a primeira entrevistada, mãe de um trabalhador contaminado na plantação de banana. E é verdade. A cada esquina, a equipe de reportagem encontrou um novo morador com história de contaminação para contar. Foram 10 relatos apenas nas primeiras horas de caminhada pela vila. Não foi preciso andar mais de 100 metros entre a casa de uma e outra vítima do veneno.

“Certo dia, fui todo cheio de calombos para o hospital. Voltei para casa vomitando, com febre e dor de cabeça. Fiquei doido, tirava a roupa perto das pessoas, defecava sangue”, revela Almir Soares da Silva, de 50 anos, que também teve os problemas na coluna agravados por causa da bomba de veneno que carregava nas costas. Mesmo com a coluna atrofiada, Almir não consegue aposentadoria por invalidez e vive da ajuda de vizinhos.

Durante as entrevistas, os moradores iam se lembrando dos úl-

CASOS DE EXPOSIÇÃO / INTOXICAÇÃO

por agrotóxico de uso agrícola, por região, em 2013

O QUE LEVA À CONTAMINAÇÃO

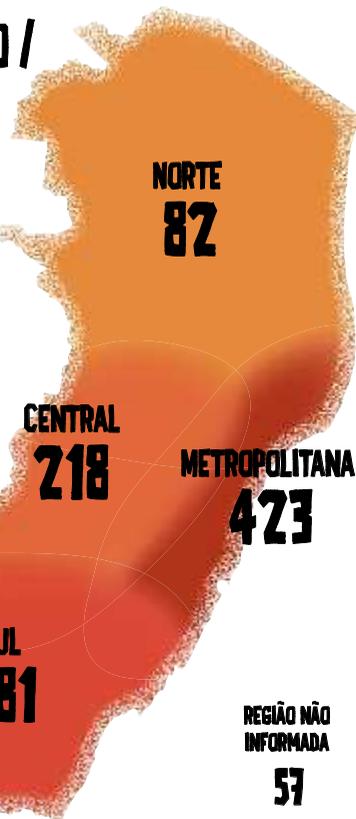
- Aplicação do veneno sem proteção
- Uso de agrotóxicos proibidos no Brasil ou contrabandeados
- Armazenamento inadequado e descarte irregular das embalagens
- Falta de informação quanto à bula do produto

TIPOS DE EXPOSIÇÃO

- 215 Acidente individual
- 274 Acidente ocupacional
- 411 Tentativas de suicídio
- 61 Não informados

timos casos de contaminação. Há seis anos, Sivaldo de Jesus, de 60 anos, parou de mexer com veneno por causa das dores de cabeça e das manchas que começaram aparecer na pele. “Tem muita gente contaminada aqui na vila. O camarada morre sabendo que é porque não usava proteção”, afirma Sivaldo.

Experiente quando o assunto é o atendimento de trabalhadores contaminados após 29 anos de atuação na região, Ivone identifica de imediato os sintomas: “O cheiro do produto nas pessoas é



forte. Chegam tendo convulsões, vomitando e soltando água do corpo. Isso é comum aqui. Encaminho para o hospital”.

Um dos moradores atendidos pela técnica de enfermagem da vila foi o aplicador Adalberon da Silva

GAZETAONLINE.COM.BR

ACOMPANHE NA INTERNET OS VÍDEOS COM DEPOIMENTOS DAS VÍTIMAS DE INTOXICAÇÃO

Araújo, de 47, que conversou com a reportagem rodeado pelas suas bombas de veneno. “Tem produto que é tão forte que preciso jogar a roupa fora. Por causa deles já fui parar no médico três vezes, perdi a sensibilidade das costas e as unhas dos pés”, diz ele, que também costuma recrutar “turmas” de diaristas para aplicar os agrotóxicos nas propriedades dos fazendeiros da região. Adalberon mora com a mulher e os filhos numa casa simples. Apesar de atuar há 25 anos com as substâncias tóxicas, o único equipamento de proteção adquirido nesse tempo, um kit com máscara e roupa especial, nunca foi usado. “Um dia penso nisso”, diz.

A VILA

A produção agrícola alavanca os indicadores econômicos de Pedro Canário, mas não consegue tirar da pobreza os trabalhadores rurais de Taquara e comunidades vizinhas, que precisam se esforçar para viver com uma média salarial de R\$ 289,33, uma das mais baixas do Estado, segundo o último censo do IBGE. Ao chegar à vila, as ruas de chão batido e esgoto a céu aberto prenunciam um situação que vai muito além das intoxicações.

Faltam serviços públicos básicos. A população não conta com praça ou qualquer espaço de lazer. Uma creche foi inaugurada pela prefeitura há dois anos, mas nunca funcionou. Quando adoecem por causa do veneno, os trabalhadores não têm a quem recorrer. A unidade que recebe os doentes não conta com ambulância e o médico só

aparece de vez em quando.

Boa parte dos 800 moradores trabalha na clandestinidade, sem carteira de trabalho assinada. Diante desse quadro, são comuns os relatos de pessoas que adoecem por conta do veneno e não recebem nenhum auxílio. Trabalhadores como o filho da aposentada Maria Alves dos Santos, de 65 anos, que não recebia equipamentos de proteção do empregador e nem possuía carteira de trabalho assinada, e acabou contaminado numa plantação de banana.

“Chegou em casa exalando veneno, tremendo e vomitando sem parar. Fiquei desesperada, pois achava ele ia morrer. Só dizia ‘estou intoxicado mãe, me ajuda’”. Sem receber pelos dias parados, o filho descumpriu a orientação médica e voltou ao trabalho. “Ele não pode ficar sem esse dinheiro. É proibido mexer com veneno, mas trabalha mesmo assim”, admitiu a aposentada, entrevistada enquanto o filho estava no campo.

BUSCA ATIVA

Por meio de nota, a Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) atribui o alto índice de notificações ao fato de o Espírito Santo ser “o único Estado do país que faz a busca ativa”, ou seja, contabiliza os casos de ligação para o Toxcen e os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), além de ir aos locais e investigar os prontuários, evitando as subnotificações.



MEU FILHO ESTAVA BATENDO VENENO NAS BANANAS E CHEGOU EM CASA MAL, TREMENDO MUITO E VOMITANDO. DISSE: ‘MAINHA ESTOU INTOXICADO, ME AJUDA’. ACHEI QUE ELE FOSSE MORRER”

Maria Alves, 65 anos



MEU PÉ COMEÇOU A DESGASTAR, E O DERMATOLOGISTA DESCOBRIU QUE ERA VENENO. COM 13 ANOS, EU JÁ TRABALHAVA CLANDESTINAMENTE. AGORA, PRECISO TOMAR INJEÇÕES”

Adonias Costa, 25 anos



CONTAMINADO

Almir Soares da Silva tem 50 anos e vive com a ajuda dos vizinhos. Ele não pode trabalhar e não consegue se aposentar

CRIANÇAS E ADOLESCENTES TAMBÉM SÃO VÍTIMAS DO TRABALHO COM VENENO

81 JOVENS

DE 15 A 19 ANOS E 14 CRIANÇAS DE 10 A 14 APRESENTARAM INTOXICAÇÃO POR AGROTÓXICO DE USO AGRÍCOLA, SEGUNDO O ÚLTIMO LEVANTAMENTO DO TOCXEN

Adonias Costa de Souza (foto) tinha apenas 13 anos quando foi aliado para bater veneno em plantações de mamão e café no extremo Norte do Estado. O jovem decidiu parar depois de 10 anos, mas a essa altura o veneno já tinha começado a corroer a sola dos seus pés. O relato de Adonias se confunde o drama de outras centenas de adolescentes e crianças que, por falta de estrutura e dificuldades financeiras enfrentadas pela família, encaram logo cedo o trabalho pesado com o veneno.

O último levantamento do Toxcen identificou 14 crianças de 10 a 14 anos e 81 adolescentes de 15 a 19 anos que tiveram exposição ou vieram a se intoxicar com venenos de uso agrícola. Isso não quer dizer que todas essas contaminações aconteceram no campo. No entanto, de canto a canto do Estado, AGAZETA ouviu depoimentos de pessoas que começaram a bater veneno antes mesmo de completar 16 anos. “Meu pai me levava para a roça, mas ele não sabia que o agrotóxico fazia mal”, lamenta um agricultor da Região Serrana, hoje com 20 anos.

A situação do trabalho infantil é tão presente que atualmente o Ministério Público do Trabalho (MPT) possui 26 procedi-

mentos em aberto relacionados a trabalho infantil no Estado, boa parte dessas denúncias oriundas de regiões agrícolas. “São constantes os relatos de crianças nessa situação. Antes dos 18 anos não é permitido trabalhar com agrotóxico. É muito grave”, destaca o procurador do trabalho, Bruno Fonseca.

No caso de Adonias, até hoje o jovem recebe acompanhamento médico e toma injeções toda semana por causa dos efeitos do veneno. “Se não tiver dinheiro para ir ao médico, o sujeito morre”, desabafa ele.

SEGUNDA

SUICÍDIO

O Espírito Santo é líder do ranking de tentativas de suicídio por uso de venenos agrícolas. O Toxcen registra em média uma tentativa por dia.

TERÇA

CUIDADOS

De Norte a Sul do Estado, trabalhadores aplicam veneno sem nenhuma proteção em plantações de morango, tomate, café e outras culturas

QUARTA

CONSUMO

Além de contaminar o trabalhador, rios e o solo, o agrotóxico envenena os alimentos que chegam à mesa do consumidor capixaba



“JÁ PERDI AS UNHAS E A SENSIBILIDADE DAS COSTAS. É UMA VIDA SOFRIDA, JÁ FUI PARAR NO HOSPITAL VÁRIAS VEZES. AQUI, NINGUÉM USA ROUPA APROPRIADA PARA BATER VENENO”

Adalberon Araújo, 47 anos



“AS PESSOAS COSTUMAM CHEGAR SOLTANDO ÁGUA PELO CORPO, COM MANCHAS NA PELE E VOMITANDO. ISSO É NORMAL. VENDO QUE É VENENO, EU ENCAMINHO PARA O HOSPITAL”

Maria Ivone, técnica de enfermagem